



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1680844

Vivências no Circuito Tapajós Vogue: Cultura Ballroom e imersão territorial na comunidade do Caranazal (PA)

Gustavo Fernandes de Souza¹

Resumo

Relato de experiência sobre o Circuito Tapajós Vogue realizado entre 13 e 17 de janeiro de 2026 na Comunidade do Caranazal, Santarém (PA). O texto descreve atividades, como uma prática socioespacial que articula cultura Ballroom, territorialidades queer e dinâmicas geográficas amazônicas. A partir de uma vivência de campo, investigou-se como uma manifestação cultural originada em ambientes urbanos periféricos globais é apropriada e ressignificada no contexto amazônico, produzindo novas espacialidades, identidades e formas de pertencimento. O circuito registra processos de territorialização que integram elementos culturais locais, saberes tradicionais, práticas coletivas e relações simbólicas com a natureza, especialmente com o regime das águas e a floresta de igapó.

Palavras chave: Ballroom; Tapajós; Cultura; Ancestralidade; Caranazal.

Experiences in the Tapajós Vogue Circuit: Ballroom Culture and Territorial Immersion in the Caranazal Community (Pará, Brazil)

Abstract:

This is an experience report on the Tapajós Vogue Circuit held between January 13 and 17, 2026, in the Caranazal Community, Santarém (Pará, Brazil). The text describes activities as a socio-spatial practice that articulates Ballroom culture, queer territorialities, and Amazonian geographic dynamics. Based on a field experience, the study investigates how a cultural manifestation originating in global urban peripheral contexts is appropriated and re-signified in the Amazonian context, producing new spatialities, identities, and forms of belonging. The circuit highlights processes of territorialization that integrate local cultural elements, traditional knowledge, collective practices, and symbolic relationships with nature, especially with the water regime and the igapó floodplain forest.

Keywords: Ballroom; Tapajós; Culture; Ancestry; Caranazal.

Introdução

O presente relato de experiência tem como objetivo analisar o Circuito Tapajós Vogue, realizado na comunidade do Caranazal, em Santarém (PA), enquanto prática cultural, educativa e socioespacial que articula a cultura Ballroom às territorialidades amazônicas. A experiência vivenciada no âmbito do circuito permite compreender como práticas culturais de origem periférica e dissidente, ao serem apropriadas em contextos regionais específicos,

¹ Graduando em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. E-mail: gustafs12345@gmail.com



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1680844

produzem novas formas de organização do espaço, identidade e pertencimento.

A cultura Ballroom, surgida nas periferias de cidades como Nova York a partir das décadas de 1960 e 1970, constitui-se como um espaço de resistência de populações negras e latinas LGBTQIAPN+, estruturando-se em torno de performances, categorias estéticas e redes de apoio conhecidas como houses. Ao se expandir para diferentes territórios, essa cultura passa por processos de resignificação, incorporando elementos locais e dialogando com outras práticas culturais. No contexto amazônico, esse movimento revela uma adaptação que vai além da reprodução estética, configurando-se como um processo de reterritorialização cultural.

Nesse sentido, o Circuito Tapajós Vogue destaca-se como uma iniciativa que promove a difusão da Ballroom na região Norte do Brasil, articulando oficinas formativas, rodas de conversa e uma Mini Ball, além de incentivar o intercâmbio de saberes entre artistas, moradores da comunidade e participantes da cena. A realização do circuito em um território marcado pela presença de comunidades tradicionais, como o povo Borari, e por dinâmicas ambientais específicas, como o regime de cheias do rio Tapajós, comprova a importância de compreender o espaço não apenas como suporte físico, mas como construção social e simbólica.

A partir da perspectiva da Geografia, especialmente das contribuições de Milton Santos, o território pode ser entendido como resultado da interação entre objetos e ações, sendo constantemente produzido pelas práticas sociais. Assim, o Circuito Tapajós Vogue pode ser interpretado como uma prática socioespacial que ativa o território por meio da cultura, do corpo e da coletividade. Além disso, dialoga com a noção de lugar proposta por Yi-Fu Tuan, ao evidenciar a dimensão afetiva, simbólica e experiencial do espaço vivido.

A análise articula as experiências vivenciadas no Circuito Tapajós Vogue com os conceitos de território, territorialidade, lugar, identidade e produção do espaço. O percurso fluvial entre Manaus e Santarém permitiu a observação da paisagem amazônica e das dinâmicas de circulação, registradas em diário de campo como parte da compreensão do território.

Na comunidade do Caranazal foram realizadas observações sobre o espaço, as relações entre os participantes e a inserção da cultura Ballroom no contexto local. As oficinas foram acompanhadas por meio da observação participante, registrando as metodologias de ensino, as práticas desenvolvidas e o diálogo entre a Ballroom e as referências culturais amazônicas. As rodas possibilitaram a escuta de relatos e discussões sobre identidade, território, ancestralidade e cultura, sendo registradas em diário de campo para posterior análise. A Mini Ball foi observada como manifestação cultural e prática socioespacial, considerando a organização do evento, as performances, as categorias e a ocupação do espaço pelos participantes.

Os dados produzidos foram sistematizados e analisados à luz da Geografia Cultural, buscando compreender como o Circuito Tapajós Vogue contribui para a construção de territorialidades dissidentes na Amazônia. O relato busca registrar como a cultura Ballroom, ao se inserir no território amazônico, não apenas se transforma, mas também contribui para a construção de novas territorialidades queer, marcadas pela resistência, pela ancestralidade e



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1680844

pela valorização dos saberes locais.

A comunidade Ballroom e a “piracema dos sapos, quelônios e pacas”

A cultura Ballroom constitui-se como uma prática sociocultural originada nas periferias urbanas de Nova York, especialmente entre as décadas de 1960 e 1970, a partir das vivências de pessoas negras e latinas LGBTQIAPN+. Esse movimento emerge como resposta às múltiplas formas de exclusão social, racial e de gênero, configurando-se como um espaço de acolhimento, expressão e reconhecimento. Nesse sentido, destacam-se figuras como Crystal LaBeija, cuja atuação foi fundamental para a consolidação da Ballroom enquanto território de resistência e afirmação identitária.

Mais do que uma manifestação artística, a Ballroom organiza-se como uma rede complexa de sociabilidade estruturada em torno das chamadas houses, que funcionam como famílias escolhidas. Essas casas são compostas por indivíduos que compartilham vivências, afetos e estratégias de sobrevivência, sendo organizadas por figuras como mother, father ou mãe, que assumem papéis de cuidado, orientação e formação. Os principais eventos dessa cultura são as balls, nos quais os participantes competem em categorias que envolvem dança, estética, expressão de gênero e presença cênica, como vogue, runway, face e body. Segundo Marlon M. Bailey, a Ballroom deve ser compreendida como um sistema cultural que articula performance, identidade e política, funcionando como espaço de validação social para sujeitos historicamente marginalizados.

Ao se expandir para diferentes territórios, a cultura Ballroom passa por processos de adaptação e ressignificação, incorporando elementos culturais locais. No contexto amazônico, esse movimento revela uma potência singular, marcada pela articulação entre ancestralidade, coletividade e território. É nesse cenário que emerge o que se pode compreender, metaforicamente, como uma “piracema dos sapos, quelônios e pacas”, uma mobilização coletiva, orgânica e territorializada das casas Ballroom na região.

Essa “piracema” refere-se ao movimento de união e fortalecimento das houses amazônicas, especialmente Jabutt, Shaponas e PacaMagra, que, a partir de seus diferentes propósitos, constroem conjuntamente uma cena Ballroom no interior do Pará. Assim como na piracema, fenômeno natural em que diferentes espécies se deslocam em conjunto para garantir a reprodução da vida, essas casas articulam esforços coletivos para garantir a continuidade e o fortalecimento da cultura Ballroom na região, enfrentando limitações estruturais, ausência de financiamento e invisibilização cultural.

Cada house carrega um propósito específico: a Casa Jabutt orienta-se pela valorização de saberes ancestrais e pelo cuidado com as juventudes; a Casa Shaponas atua na difusão cultural e estética; e a Casa PacaMagra se consolida como espaço de acolhimento, criação e produção artística no território. A união dessas casas evidencia uma lógica que se contrapõe à competitividade individualista, frequentemente associada às dinâmicas capitalistas, priorizando o trabalho coletivo, o apoio mútuo e a construção comunitária. Essa dinâmica pode ser relacionada à noção de territorialidade, entendida como o conjunto de práticas e relações que vinculam sujeitos ao espaço, produzindo pertencimento e identidade (Haesbaert, 2004).

Nesse sentido, a organização de eventos, oficinas e balls ocorre a partir de práticas



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1680844

colaborativas, frequentemente descritas como um “trabalho de formiguinha”, no qual cada integrante contribui com o que pode, seja na produção de figurinos, na divulgação, na sonorização ou na articulação de apoios locais. Essa dinâmica reforça uma territorialidade baseada na solidariedade, característica marcante de muitas comunidades amazônicas.

Além disso, a cena Ballroom no Norte comprova um posicionamento político em relação à própria cultura. Ao reconhecer que a Ballroom possui origem em um contexto norte-americano, mas também uma história de resistência de corpos negros e dissidentes, os sujeitos amazônicos reivindicam o direito de transformá-la a partir de suas próprias experiências. Trata-se de um processo de reterritorialização cultural, no qual a Ballroom deixa de ser apenas uma prática importada e passa a ser recriada como uma Ballroom amazônica, atravessada por referências locais, espiritualidade, relações com a natureza e saberes tradicionais.

Portanto, a “piracema dos sapos, quelônios e pacas” simboliza não apenas a união das casas, mas a emergência de uma cena cultural que se movimenta coletivamente para existir. Tal movimento evidencia que, na Amazônia, a Ballroom não se sustenta apenas pela performance, mas pela construção de redes de cuidado, resistência e pertencimento, reafirmando seu caráter profundamente político e territorial.

Imersão na comunidade e em Alter do Chão

A imersão na comunidade do Caranazal, localizada no território Borari, em Santarém, a aproximadamente 30 km de Alter do Chão, constituiu um momento fundamental para a compreensão das relações entre cultura, território e cotidiano na Amazônia. O deslocamento entre o espaço urbano e a comunidade prova transformações progressivas na paisagem, marcadas pela transição para áreas rurais, presença de sítios, fazendas e caminhos de terra, revelando diferentes formas de uso e apropriação do espaço.

Ao adentrar a comunidade, observa-se um modo de vida profundamente articulado à natureza, no qual rios, florestas e práticas tradicionais estruturam as dinâmicas sociais. Conforme proposto por Santos (1996), relata que as materialidades, como casas, trilhas e equipamentos comunitários, estão diretamente relacionadas às práticas cotidianas dos sujeitos que ali vivem.

A comunidade abriga a Aldeia Caranã, do povo Borari, cujas práticas culturais e modos de vida reafirmam a continuidade de saberes ancestrais mesmo diante de processos de transformação territorial. Esses sujeitos enfrentam pressões relacionadas à demarcação de suas terras e à preservação ambiental, ao mesmo tempo em que mantêm vivas suas tradições por meio de rituais, manifestações culturais e atividades coletivas. Eventos como o Sairé e o Festival Borari exemplificam a permanência dessas práticas, funcionando como momentos de reafirmação identitária e territorial.

Durante a imersão, também foi possível observar a centralidade de espaços comunitários, como o Recanto da PacaMagra, que se configura simultaneamente como moradia e centro cultural. Esse tipo de espaço comprova formas alternativas de organização sociocultural, nas quais as fronteiras entre o privado e o coletivo se tornam mais fluidas, permitindo a realização de atividades formativas, encontros e práticas culturais.

Em Alter do Chão, a experiência revelou outra dimensão do território, fortemente marcada pelo turismo. Conhecida como “Caribe Amazônico”, a localidade atrai visitantes pelas praias de águas claras do rio Tapajós, especialmente durante o período de estiagem,



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1680844

quando extensas faixas de areia emergem. No entanto, para além dessa imagem consolidada, a região apresenta dinâmicas sazonais que reconfiguram o uso do espaço ao longo do ano.

Durante o chamado inverno amazônico, o aumento do nível das águas dá origem à Floresta Encantada, um ambiente de igapó que pode ser explorado por meio de passeios de canoa conduzidos por moradores locais. Essa experiência evidencia uma relação sensível com a natureza, na qual o silêncio, a observação e a escuta da floresta constituem elementos centrais. A paisagem, nesse contexto, não se limita à dimensão visual, mas envolve aspectos sonoros, táteis e simbólicos, contribuindo para a construção de significados associados ao lugar.

A atuação dos canoeiros da comunidade demonstra formas locais de organização do turismo, baseadas na valorização do conhecimento tradicional e na mediação entre visitantes e ambiente natural. Esse processo pode ser compreendido não só como uma forma de uso do território enquanto recurso, mas também como estratégia de reprodução social, conforme discutido por Santos (1996), ao abordar as diferentes racionalidades presentes na apropriação do espaço.

Figura 1 – Oficina de Vogue Femme com Mother Harmony Jabutt.



Fonte: Gustavo Fernandes (2026).

Além disso, a presença de eventos culturais em Alter do Chão, como rodas de carimbó e feiras de economia criativa, demonstra a articulação entre cultura e território, na qual práticas tradicionais e contemporâneas coexistem. Essas atividades reforçam o papel do lugar como espaço de encontro, troca e construção de pertencimento, dialogando também com a perspectiva de Tuan (1977), ao compreender o lugar como centro de significados construído pela experiência ao conceber o espaço como relacional, produzido por múltiplas trajetórias e interações.

Entretanto, a intensificação do turismo também produz tensões, como a valorização



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1680844

econômica de determinados espaços e a dificuldade de acesso a recursos tradicionais, indicando processos de transformação territorial associados à mercantilização da paisagem. Tais dinâmicas evidenciam que o território é atravessado por diferentes interesses e agentes, sendo constantemente disputado e reconfigurado.

A imersão na comunidade do Caranazal e em Alter do Chão possibilita compreender a complexidade das relações socioespaciais na Amazônia, comprovando a coexistência de práticas tradicionais, dinâmicas turísticas e iniciativas culturais contemporâneas. Trata-se de um território vivo, no qual natureza, cultura e sociedade se entrelaçam, produzindo múltiplas formas de experiência, pertencimento e uso do espaço.

Floresta encantada e seus canoeiros

A Floresta Encantada, localizada na comunidade do Caranazal, no território de Alter do Chão, constitui-se como um ambiente de igapó que se transforma conforme o regime de cheias do rio Tapajós. Durante esse período, a elevação das águas submerge parte da floresta, criando uma paisagem na qual árvores e rios se integram, produzindo um espaço marcado pela dinâmica natural e pela sazonalidade amazônica.

A experiência nesse ambiente ocorre por meio de percursos em canoas conduzidos por moradores locais, conhecidos como canoeiros. Esses sujeitos atuam como mediadores entre visitantes e natureza, mobilizando conhecimentos sobre o território, seus ciclos e suas formas de uso. Mais do que guias, são agentes que interpretam e produzem o espaço a partir de saberes tradicionais.

Antes do início das atividades do Circuito Tapajós Vogue, a ida à floresta esteve associada a um momento simbólico de pedido de licença aos encantados, evidenciando uma relação com o território que incorpora dimensões espirituais e culturais. Essa prática reforça a compreensão de que o espaço não se restringe à sua materialidade, sendo também constituído por significados e representações, conforme discute Claval (1999).

O Lago Cuicuera, destaca-se como um espaço de forte valor simbólico para a comunidade, associado à figura do Erixi Cuicuera, guardião do território. A experiência na floresta, marcada por elementos sensoriais como o silêncio, os sons da fauna e a transparência das águas, contribui para a construção de vínculos afetivos com o lugar, aproximando-se da noção de espaço vivido proposta por Tuan (1977).

A atuação dos canoeiros e o uso da floresta também registram formas locais de organização do turismo, nas quais o conhecimento tradicional se articula à geração de renda. Nesse sentido, o território revela-se como espaço de múltiplos usos e significados, construído a partir das práticas sociais e das relações estabelecidas com o ambiente.

O Erixi Cuicuera: guardião do Caranazal

O Erixi Cuicuera constitui-se como uma das principais referências simbólicas da comunidade do Caranazal, localizada no território de Alter do Chão. Representado por um monumento em forma de sapo, situado na praça central da comunidade, o Erixi é reconhecido como guardião do território, especialmente associado ao Lago Cuicuera e à proteção dos moradores e pescadores da região.

Sua origem está vinculada às narrativas construídas por Mestre Chuica (Luís Alberto), liderança local e agente cultural, que elaborou o conto do Erixi Cuicuera como forma de expressar e fortalecer o vínculo entre a comunidade, a natureza e suas dimensões



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1680844

simbólicas. Nesse sentido, o Erixí não se limita a um elemento material, mas configura-se como um mediador entre o mundo social e o universo simbólico, condensando valores, crenças e sentidos compartilhados pelos moradores.

A presença do monumento na praça central evidencia o papel dos elementos simbólicos na construção do espaço, ao materializar práticas sociais e identidades territoriais. Nessa perspectiva, Haesbaert (2004) contribui ao compreender o território como múltiplo e atravessado por dimensões simbólicas, políticas e culturais, sendo constantemente (re)construído pelos sujeitos. O Erixí, portanto, pode ser entendido como parte dessa multiterritorialidade, articulando pertencimento, memória e identidade local.

Além disso, o Erixí Cuicuera desempenha uma função importante na produção do sentimento de pertencimento. O monumento é apropriado no cotidiano, especialmente pelas crianças, que o utilizam como espaço de brincadeira, e pelos moradores, que o reconhecem como símbolo coletivo. As ações de revitalização do Erixí, realizadas de forma comunitária por meio de puxiruns, reforçam esse vínculo, comprovando práticas de cuidado e manutenção do espaço que envolvem a participação ativa dos sujeitos locais.

Figura 2 – Integrantes do Circuito Tapajós Vogue no monumento do Erixí Cuicuera.



Fonte: Acervo do Autor (2026).

Essa dinâmica também pode ser compreendida a partir da noção de cultura híbrida, proposta por Canclini (1997), ao evidenciar como elementos tradicionais e contemporâneos se articulam na produção do espaço. O Erixí, enquanto símbolo ancestral constantemente ressignificado, expressa essa capacidade de adaptação e continuidade cultural no território



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1680844

amazônico.

A dimensão coletiva presente nas ações de restauração do monumento também demonstram formas de organização social baseadas na cooperação, características de muitas comunidades amazônicas. A participação do Circuito Tapajós Vogue nesse processo reforça a integração entre práticas culturais contemporâneas e tradições locais, ampliando os significados atribuídos ao espaço.

Formação, troca de saberes e cultura

A etapa formativa do Circuito Tapajós Vogue constituiu-se como um dos principais eixos de produção de espacialidades no território do Caranazal, localizado em Santarém. Por meio de oficinas, rodas de conversa e da realização da miniball, o circuito promoveu não apenas a difusão da cultura Ballroom, mas a construção coletiva de conhecimentos, práticas e vínculos entre sujeitos de diferentes trajetórias.

As oficinas realizadas no Recanto da PacaMagra evidenciaram a centralidade da formação como estratégia de fortalecimento da cena Ballroom amazônica. A transmissão de saberes ocorreu de maneira horizontal, valorizando experiências locais e reconhecendo os participantes como agentes ativos no processo de aprendizagem. Portanto, o conhecimento não se restringe a conteúdos técnicos, mas envolve dimensões culturais, corporais e afetivas, articuladas ao território.

A diversidade de oficinas, incluindo vogue (Old Way e Caqueado), história da Ballroom, consciência corporal, discotecagem, criação de looks e categoria Face, revela a complexidade dessa cultura enquanto prática social. Cada atividade mobilizou diferentes dimensões do corpo e da estética, comprovando que a Ballroom se constitui como um campo de produção de identidades e de afirmação de subjetividades dissidentes. Conforme aponta Bailey (2013), a Ballroom deve ser compreendida como uma rede de sociabilidade que articula performance, gênero e estratégias de sobrevivência para populações marginalizadas.

Ao mesmo tempo, a experiência do circuito dialoga diretamente com reflexões produzidas no contexto amazônico. Segundo Caní Silva (2024), a cultura Ballroom constitui um espaço simultâneo de reprodução e subversão das lógicas dominantes, no qual sujeitos não apenas vivenciam opressões, mas também constroem estratégias de enfrentamento a partir de sua identificação e nomeação. Nesse sentido, as práticas desenvolvidas durante o circuito, como as oficinas e a miniball, podem ser compreendidas como formas de produção de espaços de resistência política e expressão artística.

A incorporação de elementos amazônicos, como movimentos inspirados nas aparelhagens paraenses, uso de materiais locais na confecção de figurinos e categorias adaptadas à realidade regional, demonstra um processo de resignificação cultural. Esse movimento registra a tentativa de afirmação de uma identidade Ballroom amazônica, em contraposição à reprodução de padrões estéticos hegemônicos de outras regiões. Conforme Silva (2024), a reprodução acrítica de referências externas pode enfraquecer vínculos locais e contribuir para a fragmentação da cena, enquanto o resgate de elementos culturais regionais fortalece a diversidade e o pertencimento.

A realização da miniball marcou o ápice desse processo formativo. Enquanto evento mais intimista, a miniball possibilitou a experimentação das categorias trabalhadas nas oficinas, como Face, Runway, Best Look e Caqueado, promovendo um ambiente de troca, acolhimento e construção coletiva. Eventos dessa natureza são fundamentais para o



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1680844

fortalecimento de vínculos e redes de apoio, funcionando como espaços de pertencimento e validação social, conforme discutido por Bailey (2014).

A presença de moradores da comunidade, participantes de Santarém, de Alter do Chão e também de visitantes, evidencia a capacidade do circuito de articular diferentes escalas territoriais. Essa circulação de pessoas e saberes contribui para a consolidação de uma rede Ballroom amazônica, ampliando as possibilidades de continuidade das práticas culturais na região.

As estratégias de organização do circuito, baseadas na colaboração entre as houses, no apoio da comunidade e no uso de recursos locais, demonstram formas de produção cultural que se contrapõem à lógica mercadológica dominante. O trabalho coletivo demonstra que a manutenção da cena Ballroom na Amazônia depende de redes solidárias e de iniciativas autônomas, ao mesmo tempo em que aponta para a necessidade de políticas públicas que garantam acesso à cultura e aos direitos sociais.

A formação, a troca de saberes e a realização da miniball configuram-se como práticas que ultrapassam o campo artístico, atuando diretamente na produção do espaço e na construção de territorialidades queer na Amazônia. Ao articular cultura, corpo e território, o Circuito Tapajós Vogue consolida-se como um espaço de resistência, criação e pertencimento, no qual novas formas de existir e de ocupar o espaço são continuamente produzidas.

Considerações finais

O Circuito Tapajós Vogue, realizado na comunidade do Caranazal, em Santarém, revela-se como uma experiência que ultrapassa os limites de um evento cultural, configurando-se como uma prática socioespacial complexa, capaz de produzir, tensionar e ressignificar o território amazônico. Ao longo do circuito, foi possível observar como a cultura Ballroom, ao ser apropriada em um contexto periférico e interiorano, ganha novos sentidos, incorporando elementos locais e afirmando identidades historicamente marginalizadas.

A vivência no território evidencia que o espaço não é apenas um suporte físico, mas um conjunto de relações sociais, culturais e simbólicas em constante construção. A comunidade do Caranazal, com sua inserção na dinâmica entre floresta, rio e modos de vida tradicionais, torna-se um espaço ativo na produção dessas experiências. Elementos como a Floresta Encantada, o Lago Cuicuera e o Erixí Cuicuera demonstram que natureza, espiritualidade e cultura estão profundamente interligadas, compondo uma territorialidade marcada por afetos, ancestralidade e pertencimento.

Nesse sentido, a cultura Ballroom atua como um dispositivo de reterritorialização, ao possibilitar que sujeitos LGBTQIAPN+, negros, indígenas e periféricos se reconheçam como protagonistas na produção do espaço. As houses, enquanto estruturas de acolhimento e organização coletiva, configuram-se como formas alternativas de família, fundamentais para a construção de redes de apoio e proteção. Essas relações comprovam que a Ballroom não se restringe à performance, mas constitui uma rede de sociabilidade e resistência, conforme apontado por Bailey (2013; 2014).

A etapa formativa do circuito reforça essa dimensão ao demonstrar que a troca de saberes é central para a consolidação da cena Ballroom amazônica. As oficinas, realizadas de forma colaborativa, evidenciam que o conhecimento é construído coletivamente, a partir das



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1680844

experiências dos sujeitos e de sua relação com o território. A incorporação de referências locais, como o tecnobrega, as aparelhagens e o uso de materiais da região, revela um processo de ressignificação cultural que afirma uma estética própria, rompendo com a reprodução de padrões hegemônicos.

Esse movimento dialoga com a ideia de culturas híbridas, proposta por Canclini (1997), ao registrar que práticas globais, como a Ballroom, são reinterpretadas em contextos locais, gerando novas formas de expressão. No caso do Circuito Tapajós Vogue, essa hibridização resulta na construção de uma Ballroom amazônica, que incorpora elementos do território e fortalece identidades regionais.

Ao mesmo tempo, a experiência evidencia tensões internas à própria cena, como a influência de padrões externos e a necessidade de afirmação de uma identidade local. Conforme aponta Silva (2024), a cultura Ballroom opera simultaneamente como espaço de reprodução e subversão das lógicas dominantes, sendo atravessada por disputas simbólicas que envolvem pertencimento, linguagem e estética. Nesse sentido, o circuito se apresenta como uma tentativa de fortalecimento da cena amazônica a partir de suas próprias referências, valorizando saberes locais e promovendo inclusão.

Outro aspecto central observado foi a importância da coletividade na realização do circuito. A organização baseada na colaboração entre as houses, no apoio da comunidade e no uso de recursos locais comprovam formas de produção cultural que se contrapõem à lógica mercadológica dominante. O chamado “trabalho de formiguinha” revela que a sustentação da cena Ballroom na Amazônia depende de redes solidárias, da partilha de saberes e da construção coletiva de estratégias de resistência.

Além disso, a experiência aponta para a necessidade de maior reconhecimento institucional e de políticas públicas voltadas à cultura em contextos periféricos e interioranos. A ausência de investimentos e a dificuldade de acesso a recursos evidenciam desigualdades territoriais que impactam diretamente a continuidade dessas iniciativas. Nesse sentido, o fortalecimento de políticas culturais inclusivas torna-se fundamental para garantir a permanência e o desenvolvimento da cena Ballroom amazônica.

Por fim, o Circuito Tapajós Vogue reafirma a potência da cultura como ferramenta de transformação social e espacial. Ao articular corpo, território e identidade, o circuito produz novas formas de existência e de ocupação do espaço, contribuindo para a construção de territorialidades queer na Amazônia. Trata-se de uma experiência que evidencia que, mesmo em sentidos marcados por desigualdades, é possível criar espaços de resistência, pertencimento e criação coletiva.

Assim, a Ballroom no Norte do Brasil deixa de ser apenas uma prática importada e passa a se constituir como uma expressão cultural situada, que incorpora a floresta, os rios, os encantados e as vivências amazônicas. O Circuito Tapajós Vogue, nesse sentido, materializa uma experiência geográfica concreta, na qual cultura e território se entrelaçam, produzindo novas narrativas, novos espaços e novas possibilidades de existência.

Referências

ARNOLD, K.; BAILEY, M. M. Constructing home and family: how the Ballroom community supports African American GLBTQ youth in the face of HIV/AIDS. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, v. 21, n. 2-3, p. 171–188, 2009.



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1680844

ARVANITIDOU, E. Ballroom culture and voguing: the embodiment of resistance. *Dance Research Journal*, v. 51, n. 3, p. 89–105, 2019.

BAILEY, Marlon M. *Butch queens up in pumps: gender, performance, and ballroom culture in Detroit*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2013.

BAILEY, Marlon M. Gender/racial realness: theorizing the gender system in ballroom culture. *Feminist Studies*, v. 40, n. 3, p. 628–656, 2014.

BECKER, Bertha K. Geopolítica da Amazônia. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n. 53, p. 71–86, 2005.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1997.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2001.

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Florianópolis: UFSC, 1999.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1992.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Caní Jakson Alves da. *Intersecções amazônidas: uma etnografia da comunidade Ballroom em Manaus*. 2024. 99 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024.

SOMÉ, Sobonfu. *The spirit of intimacy: ancient African teachings in the ways of relationships*. New York: HarperCollins, 1997.



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1680844

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

Agradecimentos

Expresso minha profunda gratidão a Mother Harmony Jabutt (Caní Silva), Mother Pedrita Shaponas e Father Jil PacaMagra, pelo acolhimento generoso, pela escuta sensível e pela partilha de saberes, vivências e trajetórias que atravessam este trabalho. A presença de vocês foi fundamental não apenas para a realização desta experiência, mas para a compreensão das múltiplas formas de resistência cultural e produção do território na Amazônia. À família Ballroom, primos, irmãos e integrantes da cena, deixo meu reconhecimento pelas trocas, pelo apoio e pelos vínculos construídos, que reafirmam a potência das famílias escolhidas enquanto espaços de cuidado, resistência e existência.

Registro, com respeito, minha gratidão ao guardião da comunidade, Erixí Cuicuera, cuja presença simbólica atravessa este trabalho como expressão de pertencimento, proteção e ancestralidade.

Aos patrocinadores e apoiadores, agradeço pela contribuição essencial à realização do Circuito Tapajós Vogue, possibilitando que essa iniciativa ganhasse forma, alcance e significado.

Por fim, estendo meus agradecimentos a todos os moradores da comunidade do Caranazal, cuja receptividade, generosidade e partilha tornaram possível a construção deste relato. Levo comigo os aprendizados, os afetos e as marcas deixadas por esse território vivido, reafirmando o compromisso ético e social da Geografia com as culturas, os corpos e as comunidades da Amazônia.